

Professor de Vicinal



**Cadernos Didáticos em Educação do Campo
Agricultura e Ecologia**

PROF. PAULO SÉRGIO MAROTI
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
HABILITAÇÃO CIÊNCIAS NATURAIS E MATEMÁTICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA/UFRR

Copyright © 2021 do autor

Direitos reservados desta edição
RiMa Editora

Ilustração, diagramação e roteiro: Paulo Sérgio Maroti

M355p	Maroti, Paulo Sérgio Professor de vicinal – cadernos didáticos em educação do campo, agricultura e ecologia / Paulo Sérgio Maroti – São Carlos: RiMa Editora, 2021. 30 p. il. ISBN – 978-65-88549-06-3 – e-book 1. educação do campo. 2. currículo. 3. licenciatura. 4. escola rural. I. Autores. II. Título.
-------	---

COMISSÃO EDITORIAL
Dirlene Ribeiro Martins
Paulo de Tarso Martins
Carlos Eduardo M. Bicudo (Instituto de Botânica - SP)
Evaldo L. G. Espíndola (USP - SP)
João Batista Martins (UEL - PR)
Michèle Sato (UFMT - MT)

RiMa

Rua Virgílio Pozzi, 81 – Santa Paula
13564-040 – São Carlos, SP
Fone/Fax: (16) 988064652

PREFÁCIO

Enquanto meus dedos correm sobre as teclas para escrever este prefácio, a imagem lúdica do momento em que conheci o professor Paulo me vem à mente. Paulo discorria para alunos do Curso de Educação do Campo sobre várias possibilidades de ensino a partir de um fogão movido a energia solar. Nos agradava com uma demonstração prática de estratégias pedagógicas interdisciplinares forjada a partir da realidade do campo/para o campo. Não preciso dizer que Paulo virou uma referência, de um sujeito ensinante que na sua prática extrapola com as paredes da sala de aula, e sem exagero nenhum, com o espaço geográfico em que se encontra, aproximando-se da realidade do sujeito aprendente.

Nesta obra o autor, por meio do uso da ferramenta HQ, faz uma crítica e ao mesmo tempo incita nossa memória afetiva, apresentando uma história comum a muitos professores e aqui me incluo ao (re) lembrar a relação fragilizada entre o espaço da formação e o espaço da prática. Viajei no tempo quando ministrei minha primeira aula, na antiga Vila Pereira, Comunidade do Surumú – Município de Pacaraima, aluna recém formada do Curso Técnico em Magistério, diante do desafio de ressignificar a realidade dos meus alunos tendo como material didático o campo, no campo.

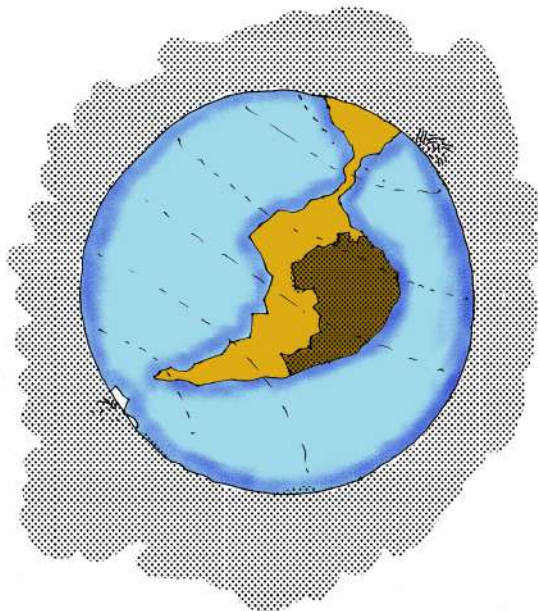
Paulo descreve com a leveza própria das HQ's a situação de muitos professores que ansiosos por fazer o seu melhor se deparam com uma realidade completamente diferente da vivida. De acordo com Vigotsky (1998) o homem é produto de suas vivências e suas ações dar-se-ão de acordo com as experiências pessoais em relação com o ambiente em que está inserido. Isto é, na docência o professor deve ter condições de sentir-se parte ativa do ambiente de ensino, visto que o conhecimento se estabelece na relação entre o objeto e o sujeito.

Para não estender mais a conversa, vamos conhecer esta história, que nos convida a uma reflexão pertinente, factual e indispensável ao tratar da formação de professores, sobretudo quando essa formação se dá de forma descontextualizada e centrada no contexto urbano e que não corresponde à realidade do contexto rural e nem atende aos anseios dos alunos/professores do campo.

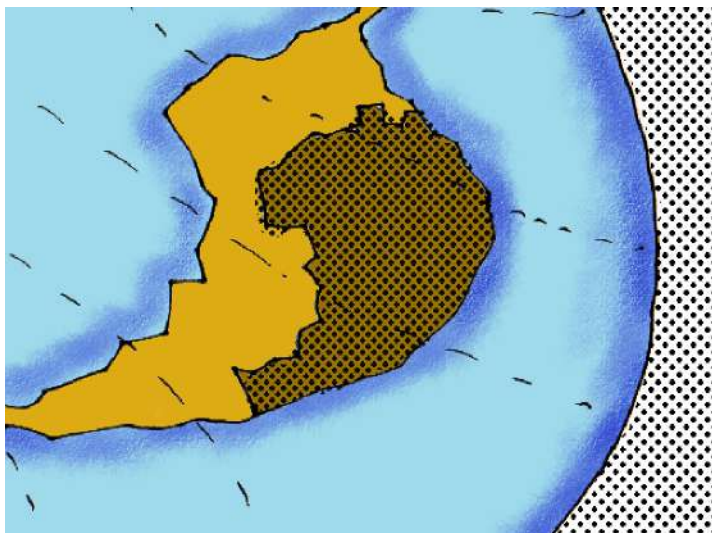
Obrigada Paulo por esta oportunidade única.

Profa. Aldevânia Barreto de Matos

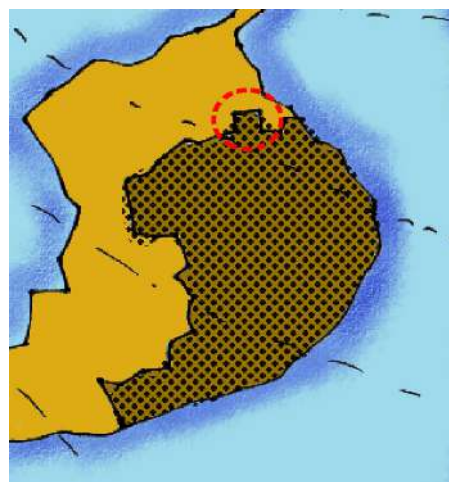
Pedagoga, Especialista em Educação Especial, Especialista em Atendimento Educacional Especializado, atua na Divisão de Ensino Médio e Educação Profissional no Departamento de Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação e Cultura de Roraima - DIEMP/DEB/SEED/RR



Iniciamos mostrando para você essa bela imagem do globo terrestre com o território brasileiro inserido na américa latina...

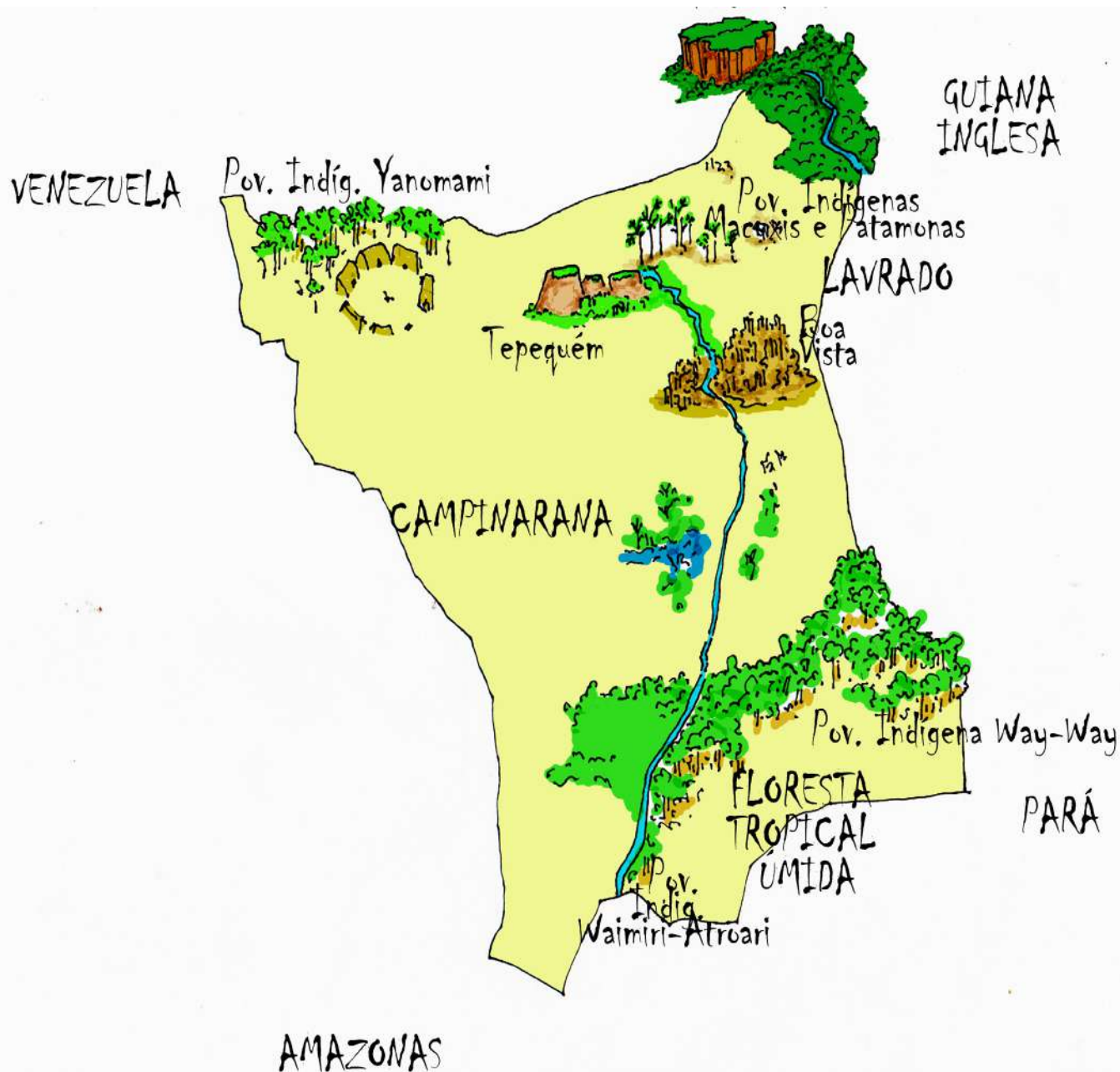


e vamos nos aproximando, mais e mais...



até focarmos onde se dará essa história em quadrinhos: no estado de Roraima.

Para que você possa entender melhor esse diverso estado, segue uma representação simplificada das maravilhas naturais e sociais dessa terra. Trata-se de um estado diverso, de ambientes e de cultura.



Perceba que Roraima possui vários povos indígenas e quanto as características do ambiente, tem no lavrado (igual ao cerrado brasileiro ou a savana africana) um grande diferencial para o ambiente amazônico e está localizado no norte do estado, na divisa com a Venezuela. Cabe destaque também, algumas etnias indígenas representadas nesse mapinha.

Pois bem, então nossa história vai transcorrer nesse ambiente super diverso.

Já imaginou como deve ser a vida de um professor de área rural nesse estado?

Pra começo de conversa, vou me apresentar... sou o professor Paulo. Fiz biologia e pós graduação em ecologia e sou ilustrador. Abaixo, estou chegando na universidade onde trabalho, para mais um dia no curso de licenciatura em educação do campo...



no laboratório de ensino de ciências e biologia (LabECBio) da Universidade Federal de Roraima, em Boa Vista. Formo professores para atuarem em biologia nas áreas rurais.



Já no interior do LabECBio,



Sentado diante do computador, vejo as demandas do dia e algo me chamou a atenção, a história de dois alunos da licenciatura da universidade: Zé Pricumã e Gerusa.

Gosto de contar histórias e por ser desenhista, escolhi o formato das histórias em quadrinhos, nada convencional para as universidades, para contar esse “causo” de dois professores recém formados.



A pergunta que tinha em mente era: como fazer com que as pessoas lessem algo sobre a dura realidade de um professor do campo? Tive contato com um HQ espanhol intitulado “Maestra del Pueblo”, de Cristina Picazo e que me inspirou para que eu trabalhasse o tema em formato de HQ. Este é portanto o início e teremos outros materiais com atividades práticas docente. Espero que goste!

Durante longo período formando professores para atuarem no campo e conhecendo estes locais aqui por Roraima, pude notar alguns detalhes, principalmente a deficiência de formarmos esse professor com um perfil bem urbano e não com a “pegada” do rural.

A ideia de formarmos esse professor com essa “pegada” me sensibilizou, pois creio ser mais interessante para esse aluno do campo, que é diferente do da cidade. Leia a história e verá o porque dessa afirmação...



Então vai lá...



Este é Zé Pricumã, que vive na capital de Boa Vista, estado de Roraima e que acaba de terminar seu curso de Pedagogia. Porém, está triste, pois está sem emprego...

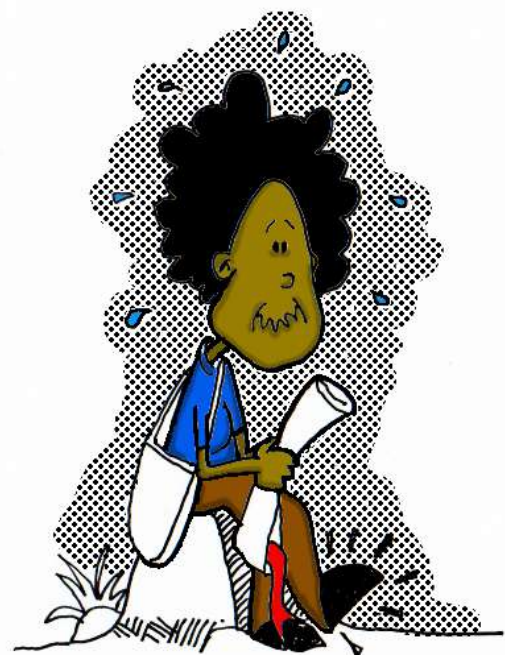


Já sua colega Gersa, da Licenciatura em Educação do Campo e que também acabou de se formar, também busca emprego. Ela é de área rural e seu sonho é atuar como professora no campo e se possível próximo a sua casa.

Os dois, com os diplomas em mãos, vão de escola em escola a busca de emprego. Gerusa tenta na área rural, já o Zé vai buscando nas escolas da cidade, pois não quer ficar longe do agito da área urbana.



A situação vai ficando mais difícil para os dois, pois são prometidas as vagas nas escolas mas... a direção nunca chama e Gerusa já está com os pés doendo de tanto garimpar um emprego.

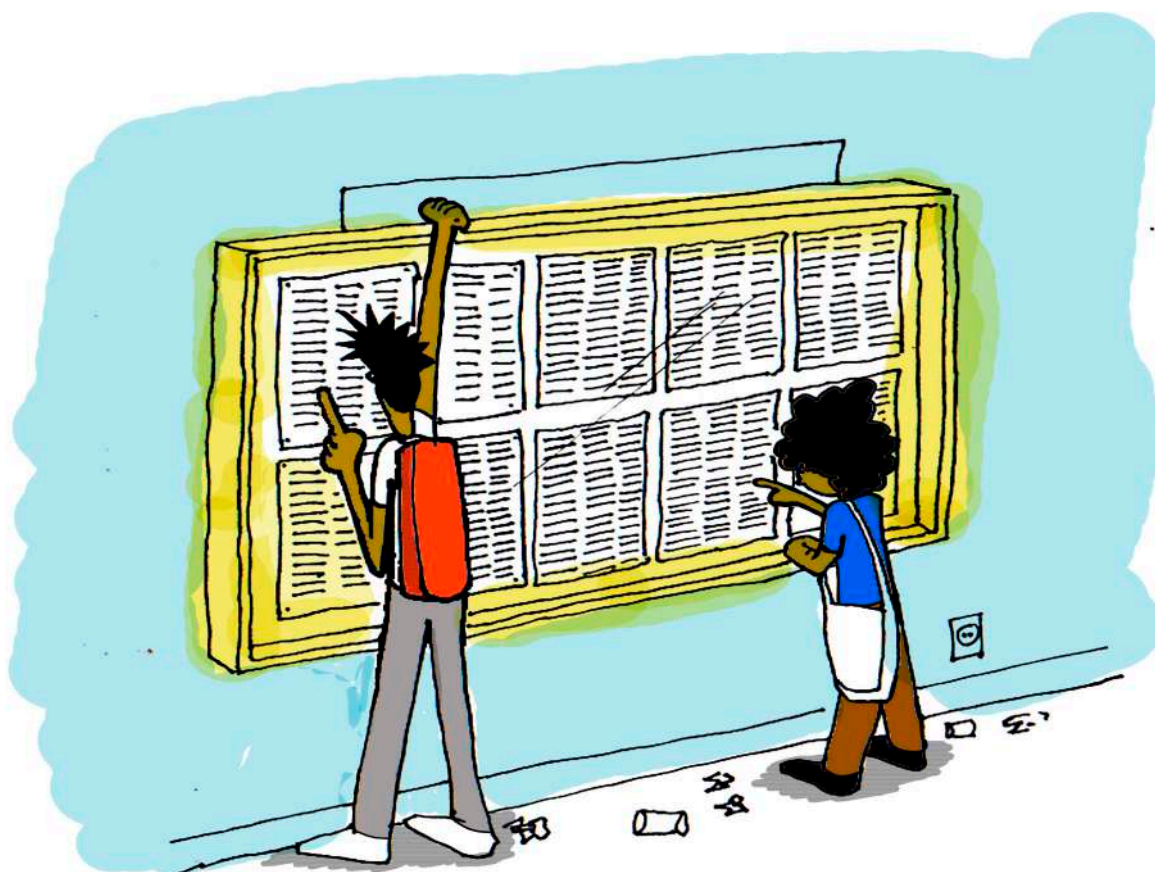


Em um momento de luz, diante de tanta negação das escolas, surge um exame seletivo para contratação imediata para a docência em área rural e ambos decidem tentar a sorte.



E sai o resultado.

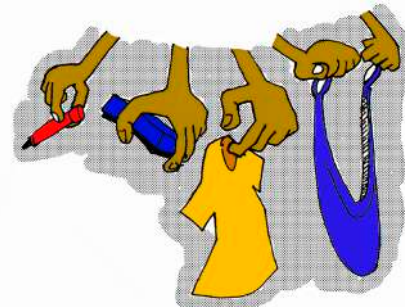
Zé Pricumã é aprovado. Gerusa fica na lista de espera.



Zé Pricumã passou no processo seletivo para ministrar aulas no interior do estado e começa a preparar suas coisas para a viagem em seu novo trabalho.



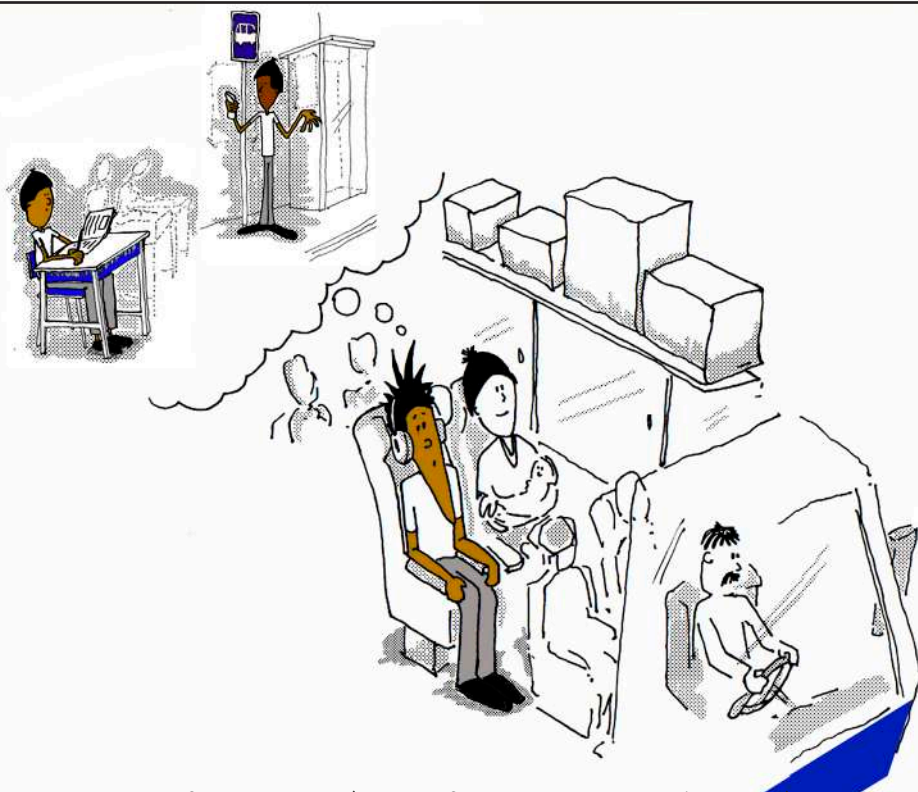
Mas se depara com a maior das dúvidas: o que levar na mala? Ele não tem experiência em morar no interior.



A confusão era tanta, pois não sabia se colocava na mala os pincéis de quadro branco ou giz, as camisetas de manga curta ou longa. E a rede..., essa não podia faltar!



E lá vai ele pegar o ônibus que o levará para o interior.



No ônibus, durante a viagem, foi passando um filme em sua cabeça, dos momentos desde quando começou a estudar na escola do bairro em Boa Vista e já na universidade, a espera do circular. Bons tempos esses, que lhe ajudaram a ser o que é hoje: um professor do campo!



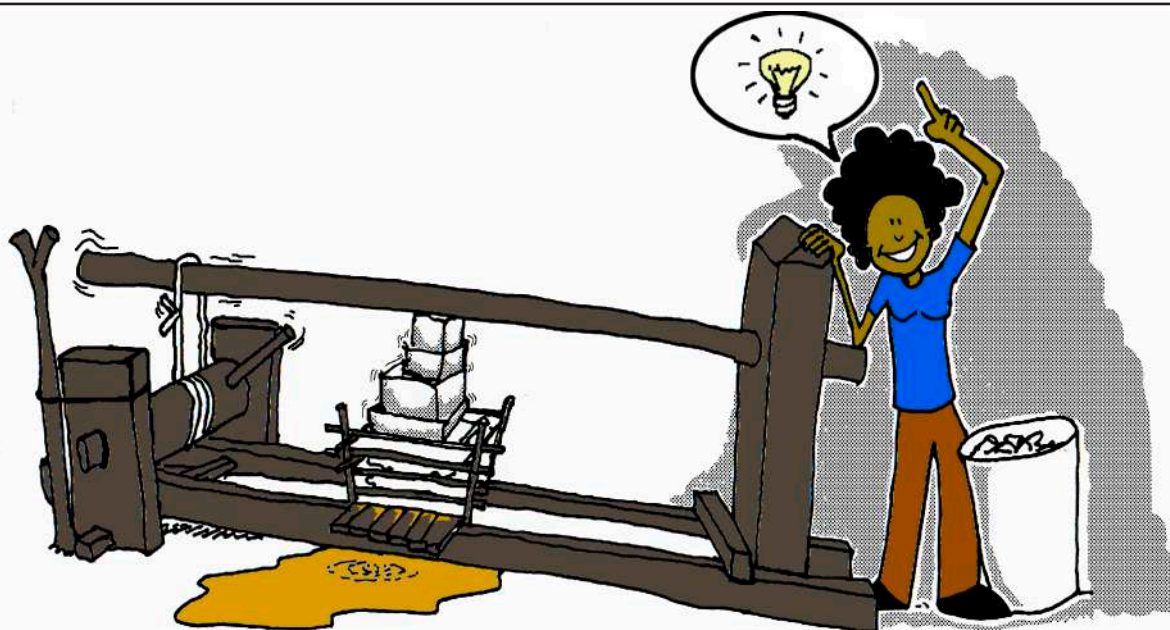
E o ônibus do Zé Pricumã vai se afastando da capital em direção ao sul do estado. Logo estará em sua nova morada e em seu mais novo trabalho.

Enquanto isso, Gerusa que ficou na lista de espera para professor voltou a trabalhar na casa de farinha da família, na área rural.

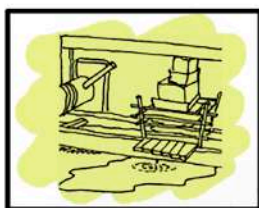
E o mais interessante de tudo foi que ela começou a buscar relacionar as atividades práticas do seu trabalho na casa de farinha com possíveis temas para suas aulas!

A macaxeira passou a ser um tema de suas aulas de ciências.



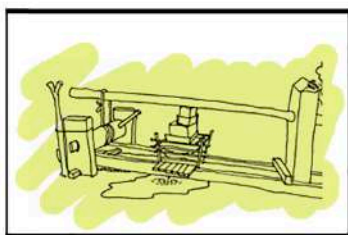


Gerusa não se desanimou e em seu dia-dia na casa de farinha ela ia tendo novas e novas ideias de contextualização ou seja, de construção de uma ponte entre o conhecimento ensinado e o mundo vivido pelos alunos. Afinal de contas dizia: posso ainda ser chamada pelo edita!!



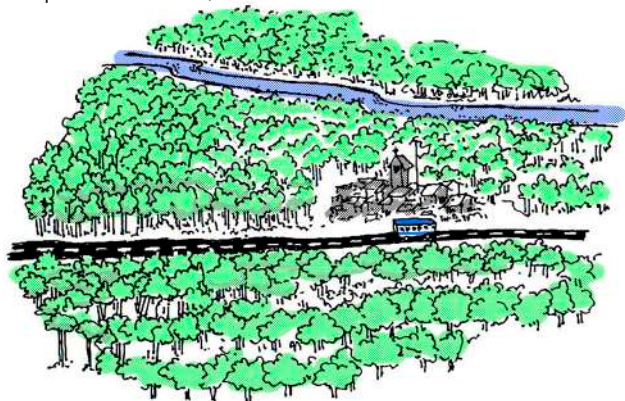
Química e Biologia: resíduos químicos com ácido cianídrico e sua ação tóxica no corpo humano.

Física: uma prensa para espremer a 'puba' é uma alavanca!



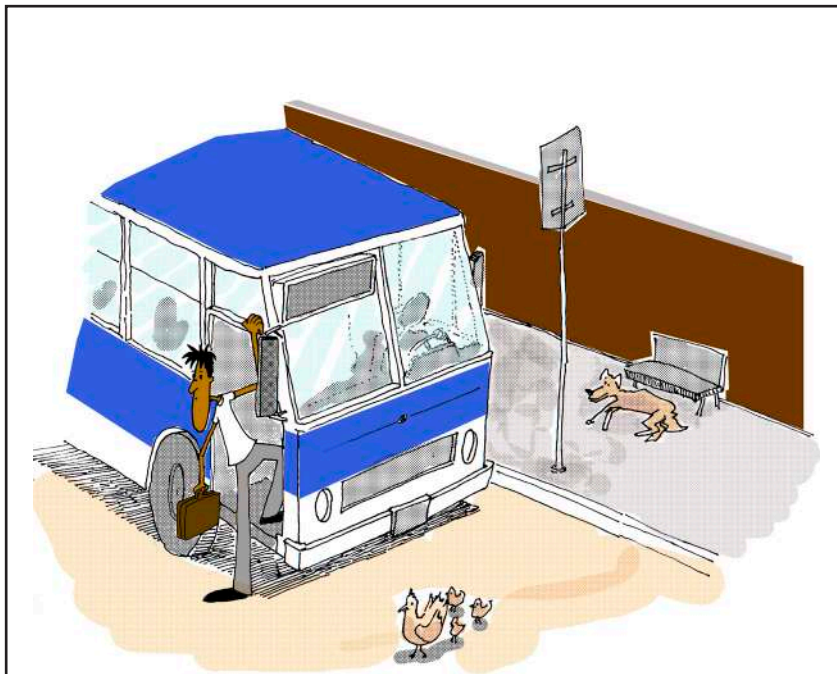
Ainda em Biologia: a planta da macaxeira e suas características associadas ao tubérculo e suas folhas.

Enquanto isso,

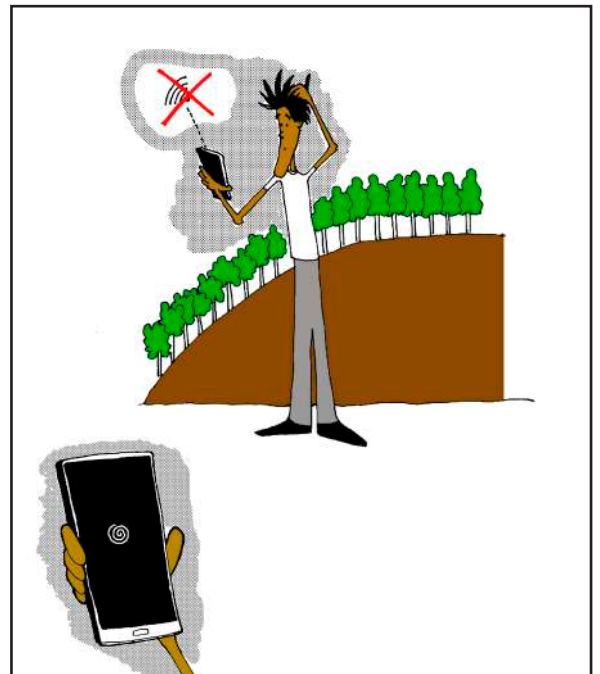


Zé Pricumã chegava ao vilarejo!





Ao descer do ônibus, já é recebido por uma galinha e seus pintos que atravessavam calmamente a rua. Do outro lado, um cachorro levanta a cabeça para ver o novo morador e logo volta a dormir. Estamos falando da pacata atmosfera de uma cidade pequena, no interior de Roraima.



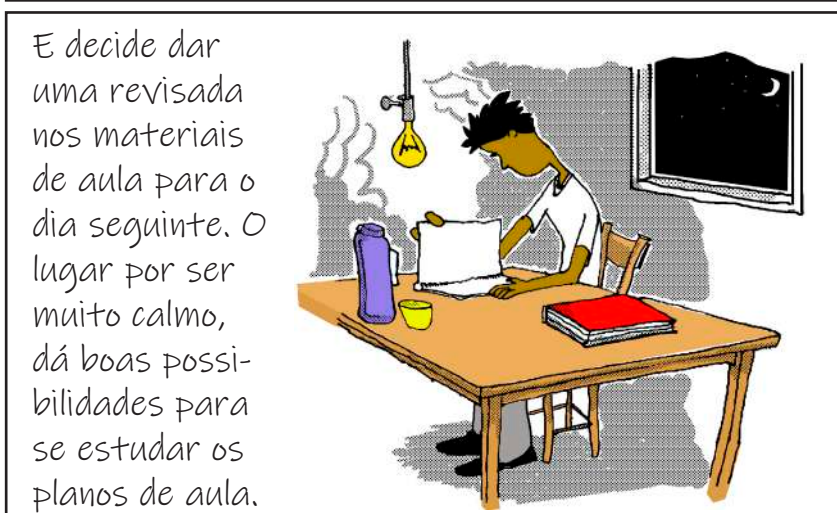
Ao descer do ônibus, foi logo tentando mandar mensagem pelo celular para sua família para dizer que havia chegado mas..., o velho problema do interior: a internet é bem ruim.



É Pricumã se dirige até o alojamento da escola, onde ficam os professores que não são do local.



vai logo abrindo a porta do alojamento...



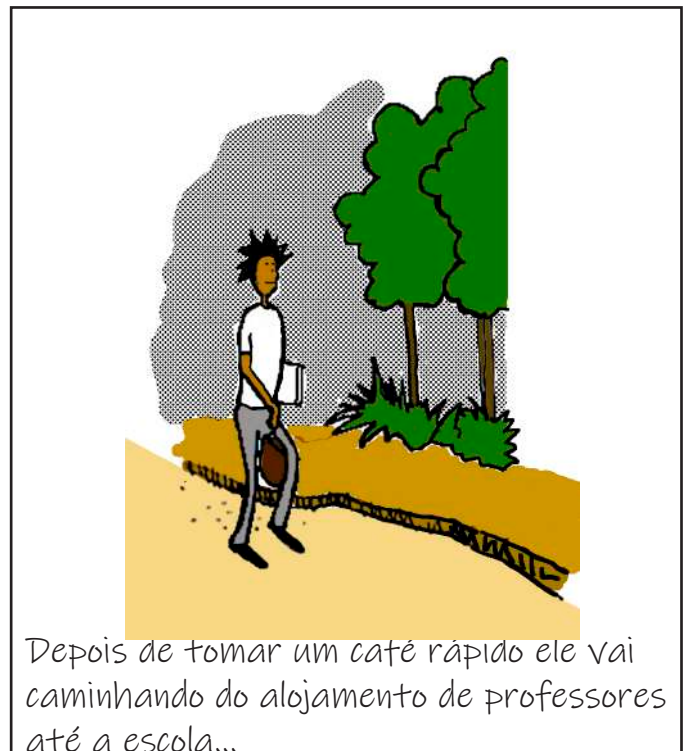
E decide dar uma revisada nos materiais de aula para o dia seguinte. O lugar por ser muito calmo, dá boas possibilidades para se estudar os planos de aula.



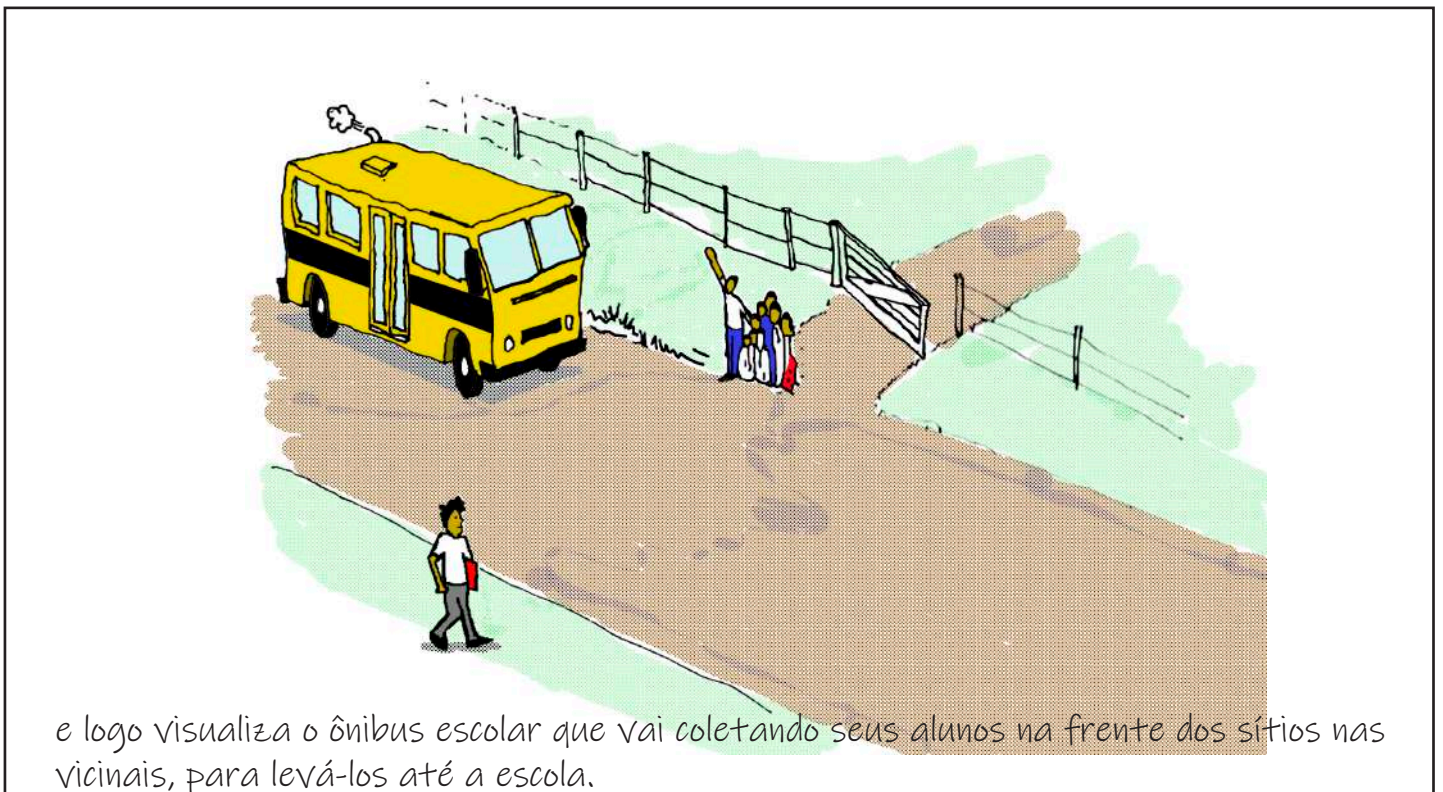
As 20:30h já estava na rede para dormir. Quando na cidade estaria na cama a esta hora?



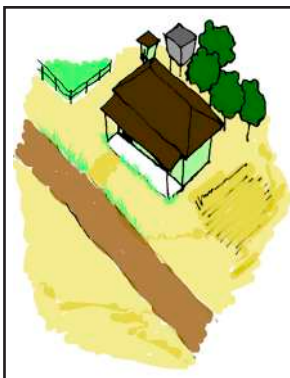
De manhã, Zé Pricumã acorda bem disposto pois conseguiu dormir muito bem.



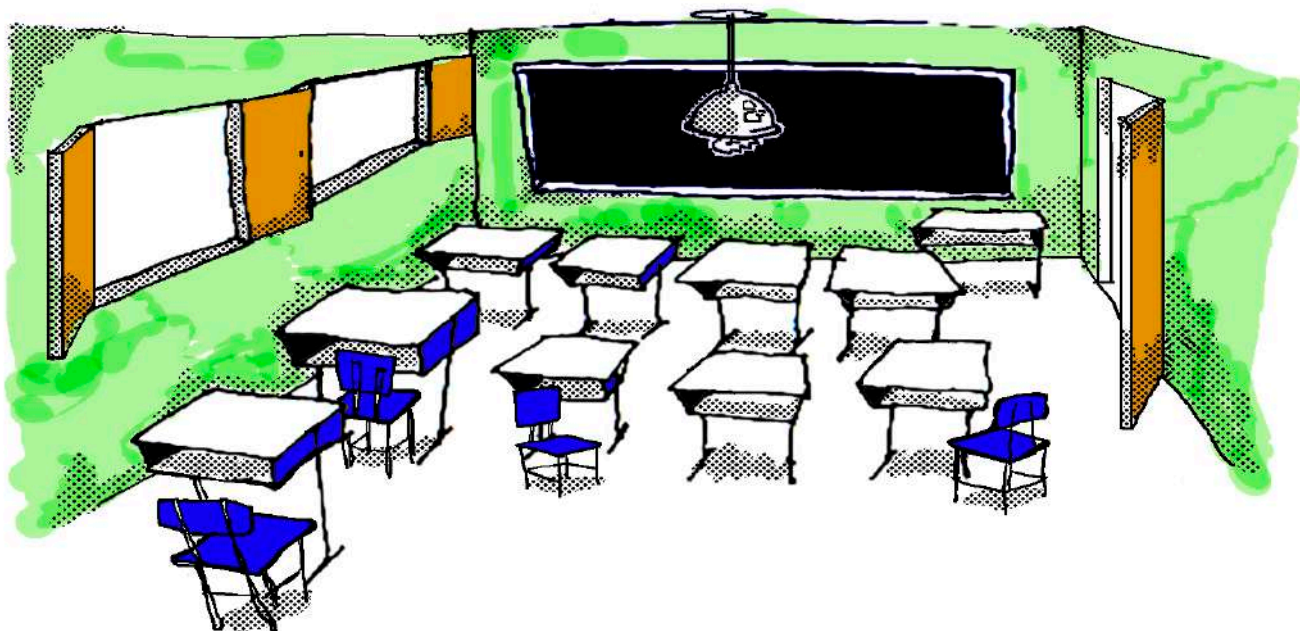
Depois de tomar um café rápido ele vai caminhando do alojamento de professores até a escola...



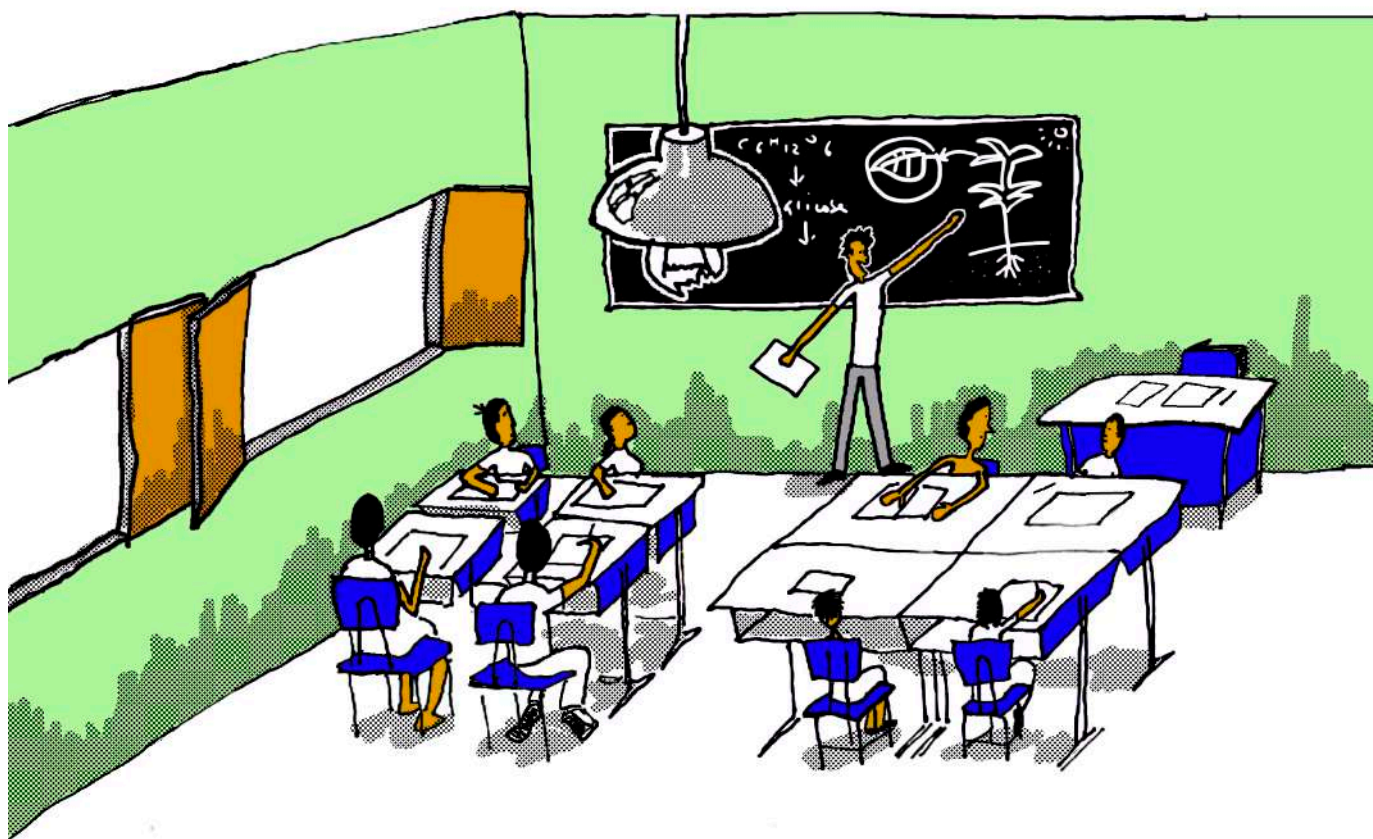
e logo visualiza o ônibus escolar que vai coletando seus alunos na frente dos sítios nas vicinais, para levá-los até a escola.



Chegando finalmente a escola, Zé Pricumã pode ver o quanto ela é rodeada de vegetação e da tranquilidade da vida no campo.



A diretora da escola foi logo apresentando a sala de aula, antes dos alunos chegarem com o ônibus escolar.



E agora com os alunos, começam as aulas e o trabalho de Zé Pricumã!



E ele já foi logo percebendo que o desempenho dos alunos do campo é bem diferente dos alunos da cidade e fica intrigado.

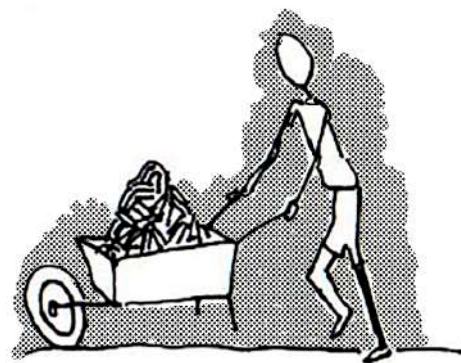


E voltando para o alojamento no final de tarde, vai pensando sobre esse aluno e conclui: são diferentes dos alunos da cidade!

A diferença? Seus alunos do campo são trabalhadores, ou seja, ajudam seus pais no sítio da família:



Pegando água no igarapé,



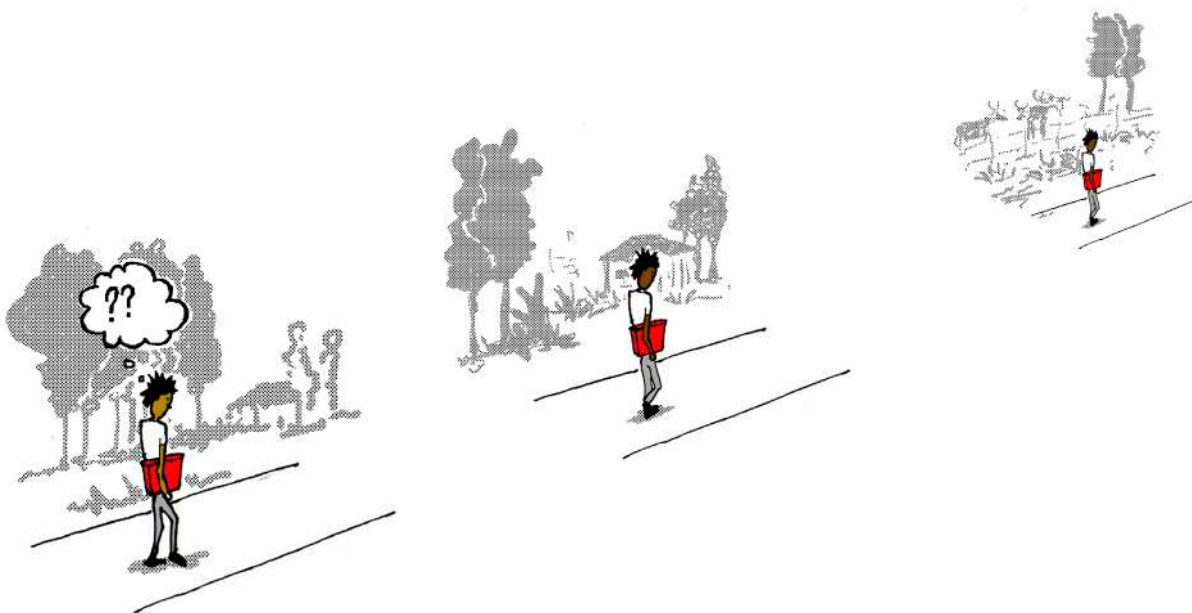
coletando o esterco do curral,



ou trabalhando agachado durante horas nos canteiros da horta. Ai que dor nas costas!



Na manhã seguinte, na sala dos professores da escola, Zé Pricumã questiona a diretora sobre os alunos e as dificuldades para o aprendizado. A diretora sugere para que ele trabalhe metodologias mais contextualizadas com o modo de vida dos alunos, para que eles se interessem mais pelas aulas.



E Zé Pricumã volta para o alojamento com muitas dúvidas sobre o que a diretora lhe havia dito: contextualização metodológica. Como iria resolver isso, se ele só havia vivido em área urbana e aquela era a primeira vez que ele ia pro campo?

E o professor começou a prestar atenção nos alunos e tentou entender na prática, o conceito de contextualização metodológica que a diretora lhe havia sugerido.



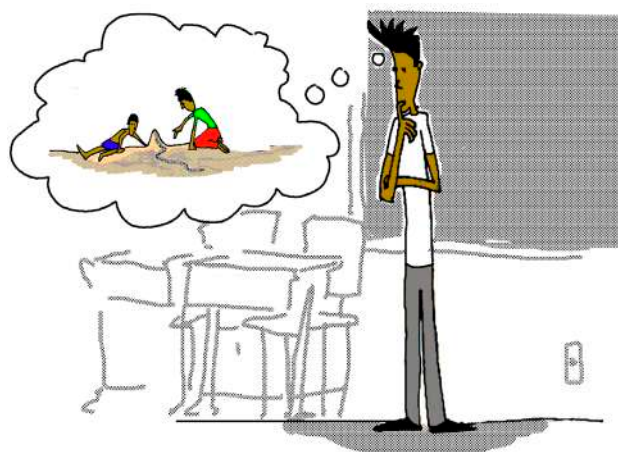
nas aulas de ciências...

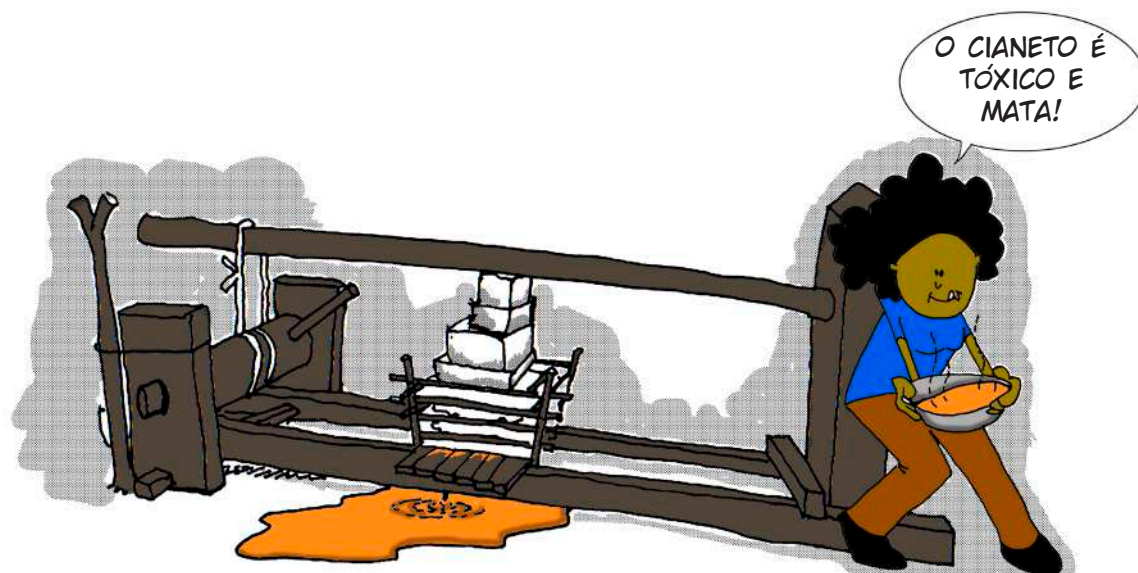


nas de história, com a casa de farinha.



Para contextualizar as aulas de ciências, o material era farto!





Enquanto isso, Gersa na casa de farinha ia pensando em algumas possíveis aulas, usando da realidade da lida no campo. Como exemplo, do caso da sobra líquida da puba (tucupi). Esse líquido tóxico é constituído por cianeto que se ingerido por animais (inclusive o homem) leva a morte. O cianeto atua na hemoglobina do sangue, inibindo o transporte de oxigênio realizado por esta proteína, levando a morte de quem o ingere por asfixia ou falta de ar. Puxa, dá uma boa aula de biologia!



aparelho respiratório humano

o cianeto afeta a ligação da hemoglobina com o Oxigênio



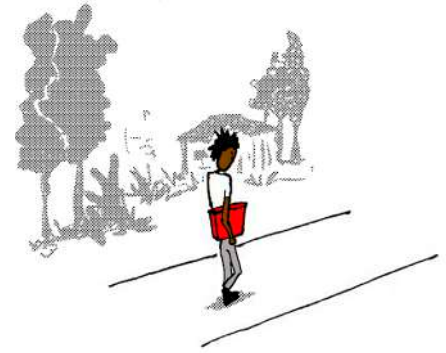
A pessoa morre asfixiada pois a hemoglobina não transporta o oxigênio.

Gersa tem portanto a ideia de contextualizar o seu dia-dia de trabalho com assuntos da escola. A produção do tucupi pode virar uma aula de biologia.

A toxicidade da macaxeira deve ser lidada com muito cuidado devido ao ácido cianídrico que quando volatilizado (evaporado) e respirado por alguma pessoa ou ingerido como bebida, leva a asfixia e a morte.

Deve-se deixar dias até o ácido volatilize (evapore) totalmente para poder usá-lo.

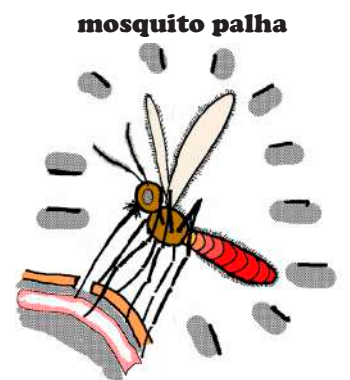
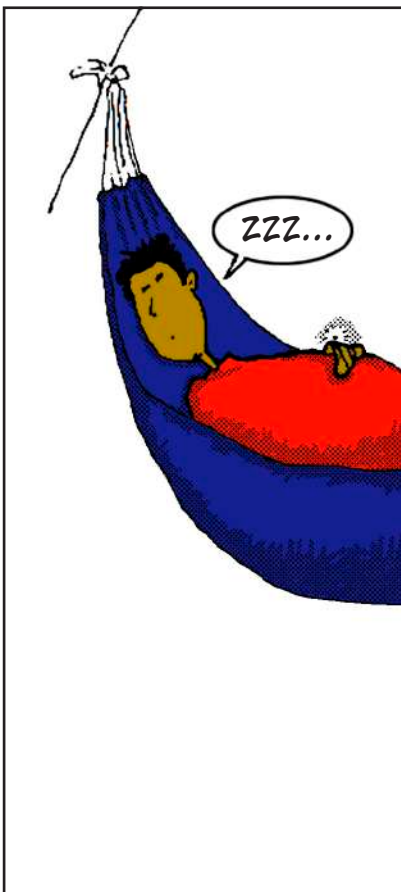
Zé Pricumã depois de um mês em área rural, decide dar uma saída no sábado e vai até o bar local, para beber uma cerveja e esquecer um pouco dos problemas. Afinal de contas, ninguém é de ferro!



E de volta para o alojamento dos professores, já um pouco cansado de tantas cervejas!

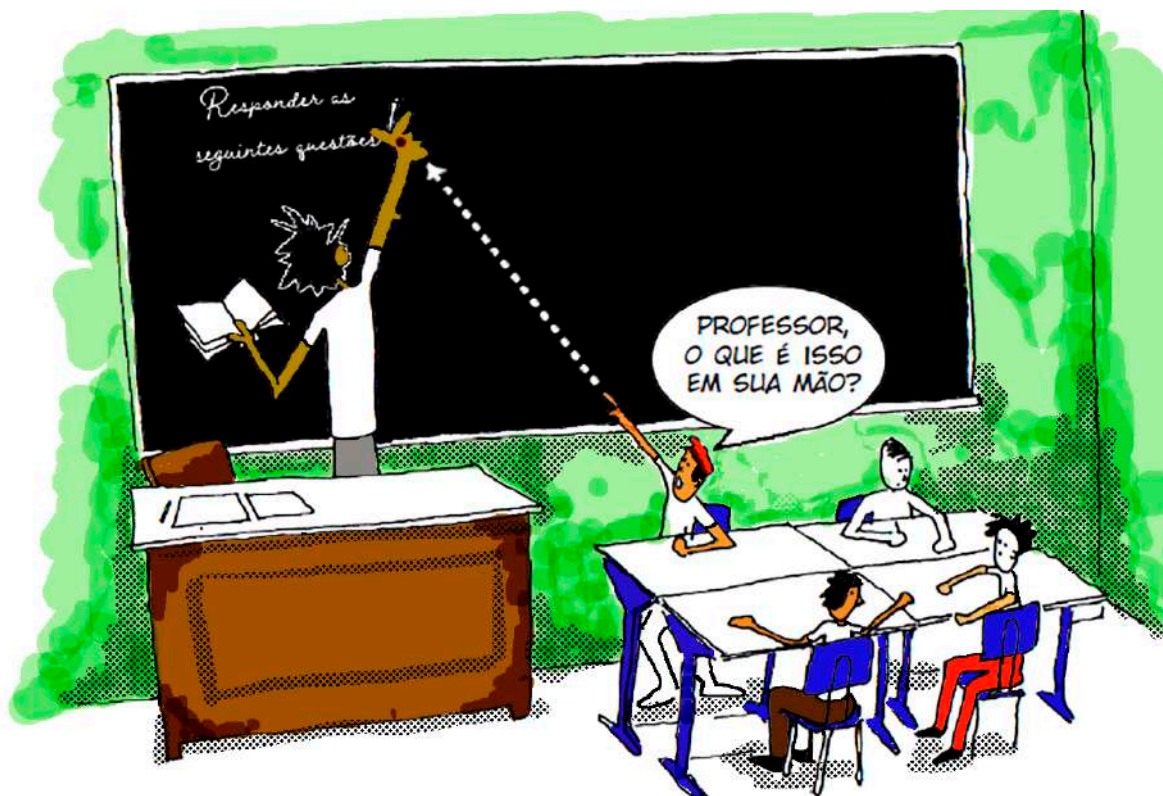


Chegou e foi logo caindo na rede e dormindo!



Naquela noite, já meio dormindo, Zé Pricumã toma uma picada do mosquito palha (transmissor da leishmaniose).

Uns quinze a vinte dias depois de sua ida ao bar e em sala de aula, um aluno lhe avisa:



Era um tipo de ferida na pele. Zé Pricumã nem havia dado conta dessa ferida.



Depois de uma semana cuidando... e nãda de cicatrizar a ferida, ele começou a ficar com medo.



Foi até um Posto de Atendimento Médico da vicinal e no primeiro dia, nada de ser atendido. No segundo dia, levou mais sorte... o médico havia chegado e foi atendido.

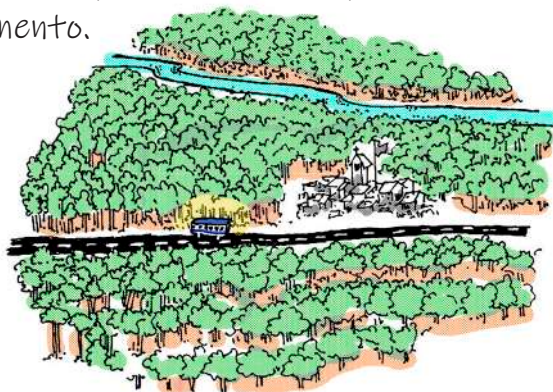


Zé Pricumã foi logo buscar informações nos materiais da escola, sobre a leishmaniose ou mal de calazar.



Essa doença é grave!

Tanto no exame parasitológico direto como na biopsia (retirada de amostra de tecido das bordas da ferida), ambos determinaram a presença do parasita. O jeito foi pedir uma licença médica e voltar para Boa Vista para tratamento.



E lá vai o professor de volta...

Enquanto isso na escola, depois do pedido de licença de Zé Pricumã...conversavam diretora e coordenação pedagógica para resolverem o problema dos alunos sem professor.



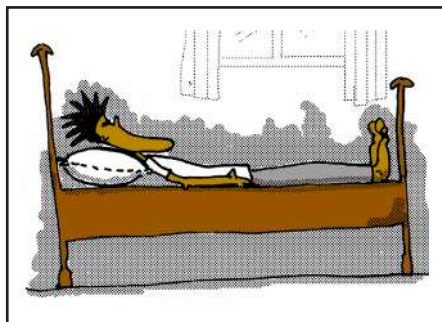
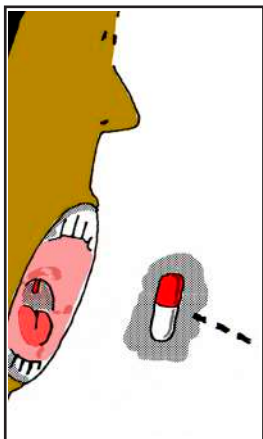
Gerusa estava no processo de torragem da farinha.



A diretora liga para Gerusa, convidando-a para trabalhar na escola...



Na cidade, Zé Pricumã vai seguindo as recomendações médicas para o tratamento para a Leishmaniose tegumentar.



Repousando...



e se alimentando bem.

Tomando medicamentos e injeções.

Depois de recuperado, Zé Pricumã buscou sua transferência para uma escola na capital.



Agora já está em uma escola na capital de Boa Vista, nosso personagem reinicia sua vida como professor, só que agora em área urabana.



Enquanto isso a professora Gerusa, após a convocação vai feliz caminhando para a escola e encontra seus vizinhos no caminho.



E chegando na escola da vicinal, ela vai tentar fazer o que pensou durante seus dias de trabalho na casa de farinha.



Gerusa tem uma conversa com a diretora sobre sua proposta didática contextualizada, visando trabalhar com a realidade local e ambas se dão super bem.

A diretora informa a Gerusa que o professor anterior se esforçou bastante para contextualizar os assuntos de aula, mas destacou a dificuldade por ele nunca ter morado no meio rural.



A diretora apresenta a professora aos alunos.



E Gêrusa começou a trazer suas experiências contextualizadas para a escola do campo, e dentro de sua realidade e dos alunos. Vamos acompanhar no próximo encontro, as práticas que a professora implementou com seus alunos e alguns resultados. Nos vemos no próximo livrinho.

A história continua...

Anexos

Pois bem gostaria de salientar que os termos, tanto as metodologias adaptadas como currículo contextualizado, caracterizam-se como sendo nomenclatura das licenciaturas, usadas na tentativa de abranger por meio de práticas pedagógicas as peculiaridades da vida dos alunos do meio rural e principalmente, de tornar o assunto mais atrativo no processo de ensino aprendizagem.

O que mais se vê é o uso de modelos prontos de currículos que se distanciam em muito das realidades vivenciadas por estes sujeitos, residentes no meio rural. Desse modo, este currículo “emprestado” acaba naturalizando algumas diferenças desses sujeitos, além de negar as identidades, transportando a proposta curricular da escola urbana para a escola do campo.

Nossas dúvidas circunstanciais diante do exposto seria: a) como podemos articular os saberes e conhecimentos da cultura campestre aos conteúdos obrigatórios das Diretrizes Curriculares ou BNCCs e ao mesmo tempo, contemplar os dispositivos legais da adequação dos conteúdos do currículo? b) Como atender às especificidades desses sujeitos do campo, visando a manutenção dessa identidade e de suas diferenças sociais e culturais?

Justifico tais questionamentos uma vez que acredito que este cenário dos “currículos emprestados” acabam reforçando a desigualdade, privilegiando a exclusão dos sujeitos do campo, a partir da negação dos conhecimentos da realidade do meio rural.

Assim, por meio deste material paradidático apresento um formato diferenciado de publicar um conteúdo, principalmente para a universidade. Prova disso, foi a dificuldade de conseguir publicar o material. O objetivo foi alavancar a discussão junto aos professores, alunos dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo, utilizando de uma linguagem nova: da história em quadrinhos (HQ). Tal linguagem, ressaltou também não ser comum para o público rural, mas sim dos jovens do cenário mais urbano. Cabe destaque mencionar que o encorajamento dessa produção advém do contato com a licenciatura há tempos e também com os HQs como ferramenta de ensino. Outro item encorajador, foi o recente contato com material paradidático espanhol intitulado “Maestra del pueblo”, da ilustradora Cristina Picazo. Este material se tornou um *best seller* na Espanha e ao adquiri-lo, logo pensei em algo dentro da nossa realidade do professor do campo e em meio amazônico. Por aqui, não vislumbro nenhum sucesso nem tão pouco o interesse do público em entender a realidade de um professor da área rural, principalmente da região amazônica.

No HQ produzido são apresentados dois personagens ligados às licenciaturas, porém advindos de diferentes universos: um da área urbana e o outro da rural. Ambos percebem a necessidade de um currículo para a escola do meio rural que contemple as questões práticas da vida cotidiana. Para a aluna, do meio rural, fica mais fácil fazer essa “transposição didática”, do que o professor sem esta vivência.

Finalizo com Fayga Ostrower do seu livro “Criatividade e processos de criação”:

“a sensibilidade representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós. Na verdade, esse fenômeno não ocorre unicamente com o ser humano. É essencial a qualquer forma de vida e inerente à própria condição de vida. Todas as formas vivas tem que estar “abertas” ao seu ambiente a fim de sobreviverem, tem que poder receber e reconhecer estímulos e reagir adequadamente para que se processem as funções vitais do metabolismo, numa troca de energia”(Ostrower, 2014, p. 12).

Professor, segue agora uma atividade para ser desenvolvida com seus alunos. Boa atividade!

Trechos para fomentar discussões

Trecho 1

“Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo” (Brasil, 2002).

Art. 2 - Parágrafo único: A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país.

§ 2º As atividades constantes das propostas pedagógicas das escolas, preservadas as finalidades de cada etapa da educação básica e da modalidade de ensino prevista, poderão ser organizadas e desenvolvidas em diferentes espaços pedagógicos, sempre que o exercício do direito à educação escolar e o desenvolvimento da capacidade dos alunos de aprender e de continuar aprendendo assim o exigirem.

Trecho 2

“...um tratamento diferenciado para a escola rural e prever em seus objetivos e metas formas flexíveis de organização escolar para a zona rural, bem como adequada formação profissional dos professores, considerando as especificidades do alunado e as exigências do meio – recomendadas, numa clara alusão ao modelo urbano, à organização do ensino em séries” (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2008, p. 198).

Proposta de Atividade

Discuta com seus alunos os trechos acima, dividindo em grupos sua turma e definindo para cada trecho se concordam ou discordam e justifique a resposta.

No final, organize um debate sobre o HQ e diferencie cada personagem (Zé Pricumã e Gerusa) e defina:

- pontos semelhantes;
- pontos divergentes;
- o que cada um terá pela frente na história, se você fosse continuar o HQ?
- defina currículo contextualizado.
- existe diferença entre o aluno rural e o urbano?

Referências

ARROYO, Miguel Gonzáles; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna Orgs.). Por uma educação do campo. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRASIL. Senado Federal. Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 24 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1998.

_____. Câmara dos Deputados. Constituição da República Federativa do Brasil 1988. 17. ed. Brasília, DF: Centro de Documentação e Informação/Coordenação de Publicações, 2001.

_____. Referenciais para uma política nacional de educação do campo: caderno de subsídios. Brasília, DF: MEC/SECAD – Grupo Permanente de Educação do Campo, 2004.

_____. Panorama da Educação do Campo. Brasília, DF: MEC, 2006.

CALDART, Roseli Salete. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete (Orgs.). Educação do campo: identidade e políticas públicas. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2004.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processo de criação. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ. 2014.

PICAZO, Cristina. Maestra de pueblo con L de novata. Penguin Random House Grupo Editorial, Barcelona - Espanha. 2017.

PICAZO, Cristina. Maestra de pueblo estado civil: opositora. Penguin Random House Grupo Editorial, Barcelona - Espanha. 2018.

SANTOS, Aparecido Lino. Educação do campo: discursos sobre currículo, identidades e culturas. Dissertação de Mestrado (PPG-Educação/UFMT), 2015.



PAULO SÉRGIO MAROTI, DESDE MUITO CEDO DESENHA. FILHO DE MÃE ARTESÃ (COSTUREIRA) E PAI BANCÁRIO, TENTOU SEGUIR NAS ARTES MAS ACABOU indo estudar BIOLOGIA. NAS HORAS VAGAS É TOCADOR DE VIOLA CAIPIRA E CANTADOR DE CALUSOS. OS HQS ENTRARAM EM SUA VIDA POR GOSTAR DA ARTE DE DESENHAR. COMEÇOU NOS DESENHOS SE ENCANTANDO COM LIDERZO (ASTERIX), QUINO (MAFALDA) E ARAGONEZ (GROO, O HERÓI SEM CARÁTER). ATUALMENTE É BIÓLOGO E PROFESSOR DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA (UFRR), NA HABILITAÇÃO CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA (CNM). É CARTUNISTA DE SEU BLOG, QUE TEM COMO FOCO A DIFÍCIL PORÉM HUMORADA VIDA DE PROFESSOR (WWW.CARTOONPROF.WORDPRESS.COM).

SEMPRE TENTOU JUNTAR ENSINO E ARTE PARA CHEGAR AOS ASSUNTOS DA DOCÊNCIA E DA LICENCIATURA EM BIOLOGIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO. A IDEIA DO HQ "PROFESSOR DE VICINAL" VEM DO CONTATO COM O MATERIAL DA ILUSTRADORA ESPANHOLA CRISTINA PICAZO ("MAESTRA DE PUEBLO") ALÉM DA APROXIMAÇÃO CADA VEZ MAIOR DA REALIDADE DOS ALUNOS DO CAMPO, INCLUSIVE ESSA DO PÓS CURSO, QUANDO MUITOS TENTAM TRABALHO POR MEIO DE EDITAIS E CONTRATOS. O CONTEÚDO DO HQ É BEM REAL E ADVÉM DESSA LEITURA DA REALIDADE E DICOTOMIA ENTRE O ENSINO "EMPRESTADO" DO URBANO, PARA O CAMPO.

O HQ **PROFESSOR DE VICINAL**, ALÉM DE SER UM MATERIAL PARADIDÁTICO É UMA FERRAMENTA DE ARTE-EDUCAÇÃO PARA USO COM ALUNOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO VISANDO FOMENTAR A DISCUSSÃO SOBRE O CURRÍCULO. ESSE PARADIDÁTICO FAZ PARTE DE UMA PESQUISA DESENVOLVIDA COM PROFESSORES E ALUNOS DO CURSO, VISANDO BUSCAR ENTENDER AS PERCEPÇÕES/CONCEPÇÕES DESSES ATORES QUANTO A FORMA DE ENSINAR PARA UM PÚBLICO DIFERENCIADO COMO OS ALUNOS DO CAMPO.

ACOMPANHE A PESQUISA SOBRE CURRÍCULO CONTEXTUALIZADO PARA ALUNOS/PROFESSORES DE EDUCAÇÃO DO CAMPO PELO BLOG:
WWW.CNMLEDUCARRS.WORDPRESS.COM